

Cuidado com os antibióticos

O USO INDISCRIMINADO DO MEDICAMENTO ESTÁ AUMENTANDO A RESISTÊNCIA DAS BACTÉRIAS

Não deve tomar antibiótico quem quer ou quem acha que precisa, mas apenas quem realmente tem necessidade. Da mesma forma, não deve prescrever o medicamento quem acha que entende do assunto, mas somente pessoas realmente habilitadas, que estudaram os efeitos dos antibióticos no nosso organismo e nos próprios micróbios. A opinião é do infectologista David Uip, médico do Hospital das Clínicas e do Instituto do Coração (Incor).

Já há muitos anos, em diversas partes do mundo, segundo Uip, a utilização inadequada do medicamento tem deixado consequências devastadoras: mais e mais bactérias e outros microrganismos têm desenvolvido resistência ao tratamento com antibióticos.

"Hoje, todos os hospitais do País apresentam um nível indesejável de resistência aos diversos tipos de antibióticos", diz Uip. A primeira consequência disso é que infecções antes debeladas com relativa facilidade podem hoje levar os pacientes rapidamente à morte, especialmente doentes muito debilitados, internados em unidades de terapia intensiva (UTIs). Os antibióticos deixam de funcionar neles porque os micróbios se tornaram resistentes.

Mais e mais bactérias e microrganismos têm desenvolvido resistência ao tratamento com antibióticos

Segundo levantamento do Centro de Controle e Prevenção de Doenças, de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1993, mais de 13 mil norte-americanos morreram em hospitais em consequência da ação funesta de pneumococos (uma bactéria responsável pela pneumonia) resistentes à ação de medicamentos.

"Vivemos numa situação extremamente séria e complexa", assegura Uip. Inúmeras bactérias, de acordo com ele, tornaram-se resistentes a todos os tipos de antibióticos existentes. O streptococcus, por exemplo, que é a espécie mais comum de bactéria, provocando uma infinidade de patologias, é, segundo os especialistas, um dos microrganismos mais "inteligentes" do planeta. "Ele é capaz de criar os mais diversos mecanismos para resistir ao combate", explica Uip.

Cerca de 30% dos Streptococcus pneumoniae, por exemplo, já se mostraram resistentes às penicilinas.

No Incor e no HC, segundo o médico, para prevenir a resistência, a prescrição de antibióticos tem de seguir uma hierarquia. Apenas o chamado grupo de infecção dos hospitais está habilitado a receitar o produto.

Quem pode indicar as drogas

COM BASE EM MODELO AMERICANO

"Existem três situações em que se cogita a prescrição de antibióticos", explica Uip. "Nos casos considerados mais leves, os clínicos podem prescrever sem discussão prévia da comissão de infecção. Em outros casos, apenas alguns médicos, com um formulário da comissão de infecção, podem receitar o medicamento. E em situações mais críticas, como a dos pacientes de UTIs, os profissionais só podem receitar mediante uma discussão individualizada da comissão, que analisa cada caso", explica Uip.

De acordo com ele, o HC e o Incor têm trabalhado assim desde 1992. "Fazemos o controle com base num modelo norte-americano", afirma. "Analisamos cada paciente, cada unidade e o procedimento infeccioso (se a infecção é urinária ou pulmonar, por exemplo)."

Esse controle, segundo o espe-

cialista, tem sido realizado também em outros hospitais (como Nove de Julho, Albert Einstein, Oswaldo Cruz, Sírio Libanês e Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina).

Segundo Uip, esse controle atesta — sempre — a presença de inúmeras bactérias no ambiente hospitalar. "O hospital que afirmar que o número de bactérias ou de infecções hospitalares é baixo ou inexistente está omitindo dados", assegura o médico.

O problema é extremamente complexo porque, em geral, as bactérias não se tornam resistentes a um único tipo de antibiótico, mas a um grupo de medicamentos. Outra dificuldade reside na capacidade de multiplicação das bactérias: no espaço de apenas 24 horas, cada uma delas é capaz de gerar 16 milhões de outros organismos idênticos, transmitindo-lhes a resistência.

LANÇAMENTO

PARA MEDIR A PRESSÃO

Aparelho é fabricado com tecnologia nacional

Acaba de ser lançado no Brasil um aparelho capaz de detectar entupimentos de veias, defeitos de válvulas, disfunções nervosas do coração e as causas das taquicardias (um tipo de arritmia que pode provocar morte súbita).

De três a quatro vezes mais barato que os similares americanos e alemães, o aparelho foi desenvolvido com tecnologia nacional pelo engenheiro Percival Gomes Netto e é capaz de medir a pressão sanguínea dentro do coração e das principais artérias do corpo. Fabricado pela empresa TEB, Tecnologia Eletrônica Brasileira (especializada em equipamentos eletrônicos para medicina), o TEB SP 12 é o primeiro polígrafo genuinamente nacional.

Gomes Netto procurou desenvolver um instrumento voltado para a realidade hospitalar brasileira. "Tivemos a preocupação de criar um aparelho de qualidade compatível com os importados, além de suprir o problema da falta de médicos na maioria dos hospi-

tais", afirma o engenheiro.

A revolução no uso do polígrafo está nas intervenções cardíacas da taquicardia. Neste caso são introduzidos cateteres na coxa do paciente para rastrear o defeito responsável pelo batimento irregular.

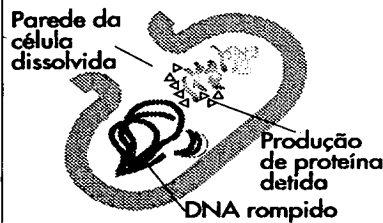
O ritmo normal varia entre 60 e 80 batimentos por minuto. Mas, em casos de arritmia, esses batimentos podem triplicar.

Instalado há um mês na Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, o TEB SP 12 já está substituindo os similares importados. "O aparelho é muito bom e a qualidade não deve nada aos similares", garante o cardiologista Ângelo De Paola, responsável pelo setor de Eletrofisiologia Clínica da Escola Paulista de Medicina.

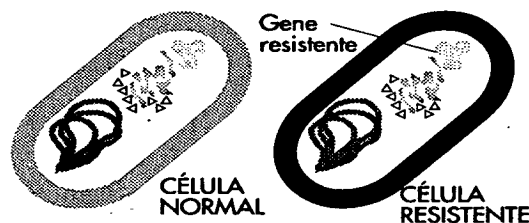
Outra vantagem é o custo, que facilita sua compra por hospitais de menos recursos. "Um polígrafo com tecnologia nacional é uma grande conquista para a medicina brasileira", comemora De Paola.

Cristiane Bottini

FUNÇÃO DO ANTIBIÓTICO

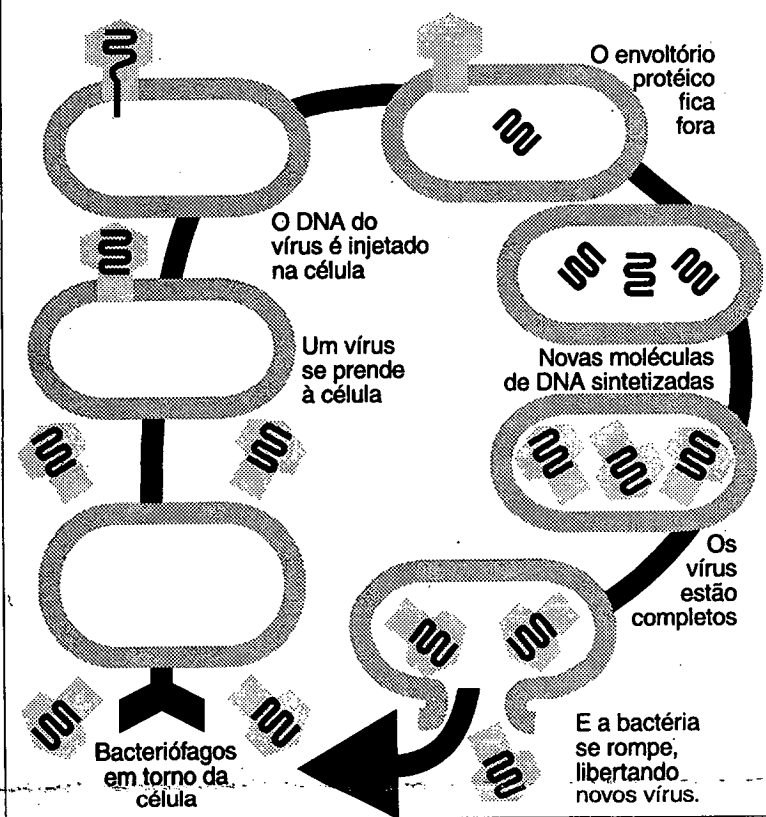


Ataque do antibiótico
A droga pode romper a parede da célula da bactéria ou impedir sua capacidade de produzir proteínas.



Resistência
Se a bactéria desenvolve mutação genética, isto pode fortalecer as paredes de sua célula, mantendo o antibiótico fora ou protegendo seus genes e sua engenharia de produção de proteínas.

INFECÇÃO POR VÍRUS



EQUILÍBRIO PERFEITO

Quando ele se rompe, surgem as doenças.

Em situações normais, as bactérias convivem pacificamente com o organismo humano, em equilíbrio. As que se alojam no intestino, por exemplo, podem se alimentar de detritos do processo digestivo e em troca liberar enzimas que ajudam esse processo ou toxinas que afastam outras bactérias patogênicas (causadoras de doenças). Segundo o infectologista André Lomar, médico do Instituto Emilio Ribas e presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia, sempre que esse equilíbrio de alguma forma se rompe, surgem as doenças. "O desequilíbrio pode ser provocado por uma queda na imunidade natural do organismo ou mesmo pelo próprio progresso da medicina", diz Lomar.

"Internações, sondas, cateteres — todos procedimentos necessários — contribuem para a contaminação bacteriana", acrescenta.

Para vencer a luta contra a resistência dos microorganismos, Lomar defende a ideia de que só devem tomar antibiótico as pessoas que receberam o diagnóstico preciso de uma infecção bacteriana. "Muitas pessoas tomam o remédio por conta própria e as vezes estão contaminadas por um vírus, não por uma bactéria." O infectologista Uip também acha que uma das formas eficazes de combate à resistência dos micróbios — e que está ao alcance de todos — é evitar, de todas as maneiras, a automedicação.

"Ninguém deve sair tomando remédio nenhum sem consultar um médico, muito menos quando esse remédio é um antibiótico", adverte. Uip defende a ideia

de que os antibióticos só devem ser vendidos mediante uma receita médica diferenciada. "É uma questão muito séria", lembra. "No Brasil, todo mundo receita, todo mundo vende e todo mundo compra antibiótico, sem controle algum."

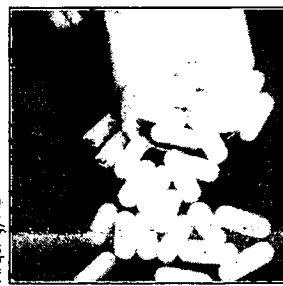
Uip vai mais além. Segundo ele, não são todos os médicos que têm conhecimentos profundos sobre os antibióticos para receitá-los com segurança.

"É preciso conhecer detalhes farmacológicos do produto", acredita. Alguns, de acordo com o médico, não podem ser tomados junto com determinados alimentos e bebidas. Além da prescrição inadequada, ele chama atenção para o uso indevido. "As pessoas

em geral não sabem tomar remédios", alerta. "Cada antibiótico tem uma especificação: deve ser tomado em um intervalo determinado de horas, por um período também determinado de tempo", explica.

O caso da chamada bactéria assassina — o streptococo do tipo A, que matou 13 pessoas na Grã-Bretanha e duas nos Estados Unidos este ano — não é o maior alvo de preocupação dos especialistas brasileiros no momento e, aparentemente, sua agressividade não está diretamente relacionada à questão da resistência.

"Esse tipo de bactéria sempre existiu", garante Uip. "Ao longo dos anos, já vi casos semelhantes", assegura Lomar.



Antibióticos: perigo.

Consultor técnico:
Wagner Ibrahim
Pereira, cardiologista do
serviço de cardiopatias
coronárias do Instituto do
Coração.